
VILA NOVA DE SÃO PEDRO E O CALCOLÍTICO NO OCIDENTE PENINSULAR

1

Mariana Diniz · Andrea Martins · César Neves · José M. Arnaud

estudos & memórias

Série de publicações da UNIARQ
(Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)

Direcção: Ana Catarina Sousa
Série fundada por Vítor S. Gonçalves (1985)

22.

DINIZ, M.; MARTINS, A.; NEVES, C.; ARNAUD, J. (Eds.) (2024) – *Vila Nova de São Pedro e o Calcolítico no Ocidente Peninsular 1. estudos & memórias*, 22. Lisboa: UNIARQ/FL-UL. 408 p.

Capa: Povoado de Vila Nova de São Pedro. Foto: Projecto VN3P000

Paginação e artes finais: Paulo Freitas
Impressão: Europress, Indústria Gráfica
500 exemplares

ISBN: 978-989-35113-1-2 / Depósito Legal: 529697/24
DOI: <https://doi.org/10.51427/10451/63412>

Copyright textos e imagens ©, 2024, os autores.

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi livre opção de cada autor. Os autores são responsáveis pelos seus originais, respeitando a UNIARQ a sua autoria e não sendo responsável por quaisquer elementos que, de alguma forma, possam prejudicar terceiros.

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UIDB/00698/2020 (doi.org/10.54499/UIDB/00698/2020) e UIDP/00698/2020 (doi.org/10.54499/UIDP/00698/2020).

Lisboa, 2024.

LECEIA, MOITA DA LADRA E OUTEIRO REDONDO: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS DE TRÊS SÍTIOS MURALHADOS DA ESTREMADURA PORTUGUESA

João Luís Cardoso

Universidade Aberta (Lisboa) / ICArEHB (Universidade do Algarve) / Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras) / cardoso18@netvisao.pt

Resumo: Os três sítios muralhados de primeira grandeza em que o signatário dirigiu escavações arqueológicas: Leceia (Oeiras), entre 1983 e 2002; Moita da Ladra (Vila Franca de Xira), entre 2003 e 2006; e Outeiro Redondo (Sesimbra), entre 2005 e 2016, produziram um conjunto de informações de relevância incontornável para o conhecimento das arquitecturas, das estratigrafias, e da cronologia absoluta, tornados assim essenciais para o conhecimento da economia e organização social das populações que ocuparam aquela vasta região, com significado cultural próprio: o chamado “Calcolítico da Estremadura”. A esta notável informação, somou-se a respeitante aos espólios arqueológicos exumados, os quais se encontram presentemente totalmente estudados e publicados de forma detalhada.

Nesta comunicação, depois de se apresentarem as principais características arquitectónicas, de natureza defensiva e habitacional, respeitantes a cada um deles, valorizaram-se os espólios arqueológicos a partir da identificação dos artefactos susceptíveis, pela sua tipologia, de fornecerem informação objectiva acerca das actividades económicas mais importantes desenvolvidas pelos respectivos habitantes. Tais conclusões, articuladas com as características dos próprios sítios, incluindo a sua implantação geográfica e dimensões, conduziu, pela primeira vez, a conclusões sobre natureza funcional de cada um deles e quanto à forma como os mesmos se integravam no tecido demográfico e económico das penínsulas de Lisboa/Setúbal no decurso do 3.º milénio a.C., região já então densamente povoada.

Palavras-chave: Leceia, Moita da Ladra, Outeiro Redondo; Arquitecturas; Espólios; Funcionalidades; “Calcolítico da Estremadura”; Portugal.

Abstract: The three first-rate walled sites where the author directed archaeological excavations: Leceia (Oeiras), between 1983 and 2002; Moita da Ladra (Vila Franca de Xira), between 2003 and 2006; and Outeiro Redondo (Sesimbra), between 2005 and 2016, produced a set of information of unavoidable relevance about architectures, stratigraphies, and absolute chronology, thus becoming essential for the knowledge of the economy and social organization of the populations that occupied the region, with its own cultural significance: the so-called “Chalcolithic of Extremadura”. To this remarkable information, was added that concerning the archaeological remains, which are currently fully studied and published in detail.

In this communication, after presenting the main architectural characteristics, stratigraphic sequence and absolute chronology of each of them, the archaeological remains were valued by identifying the artefacts that, due to their typology, provide objective information about the most relevant activities developed by the respective inhabitants. Such conclusions, articulated with the characteristics of the sites themselves, including their geographic location and dimensions, led, for the first time, to conclusions about its functionality and the way in which they were part of the demographic and economic fabric of the peninsulas of Lisbon/ Setúbal during the 3rd millennium BC, already densely populated at that time.

Keywords: Leceia, Moita da Ladra, Outeiro Redondo; Architectures; Spoils; Functionalities; “Chalcolithic of Extremadura”; Portugal.

1. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Apesar da área escavada em cada um dos povoados muralhados ora estudados ser muito vasta, observaram-se em qualquer deles padrões coerentes nas sequências estratigráficas gerais obtidas, confirmadas pela distribuição vertical dos respectivos materiais arqueológicos, que permitiram conceber um modelo geral da evolução da sua ocupação, desde os momentos iniciais, até ao seu definitivo abandono. O rigor e a validade deste modelo, que foi sendo sucessivamente confirmado no decurso das escavações realizadas, dependeram da qualidade e representatividade de três realidades independentes em que directamente se apoiou, a saber:

- 1 – da possibilidade de realização de cortes estratigráficos em locais criteriosamente seleccionados em cada sítio estudado. Com efeito, as sequências observadas em locais onde as mesmas se apresentavam com maior quantidade de informação, possibilitaram o estabelecimento de correlações entre os diversos locais seleccionados, conduzindo à definição de uma estratigrafia-tipo representativa da totalidade da área outrora ocupada por cada um dos povoados;
- 2 – da sequência construtiva que se veio a identificar em cada sítio, cujo faseamento interno se apoiou na sobreposição vertical ou justaposição lateral (incorrectamente designada “estratigrafia horizontal”) observada; considerou-se possível e mesmo necessário articular estas duas realidades: a sucessão estratigráfica e a sequência construtiva, uma vez que ambas são o reflexo, cada uma à sua maneira, de uma única realidade: as vicissitudes que caracterizaram a própria ocupação humana verificada em cada um dos sítios;
- 3 – do conteúdo artefactual de cada uma das camadas presentes previamente identificadas, valorizando-se, especialmente, os artefactos que, pela sua abundância e rápida evolução tipológica, permitem o estabelecimento de sequências com incidências cronológico-culturais no âmbito do Calcolítico da Estremadura.

Importa sublinhar que a formação de qualquer uma das sequências estratigráficas presentes nos três sítios foi determinada por factores diversos, uns de natureza antrópica, que presidiram nalguns casos à formação dos próprios depósitos, com expressão puramente local, outros de natureza pós-deposicional, sendo neste caso determinados por processos naturais de transporte e acumulação, abarcando vastas áreas ou mesmo a totalidade da estação arqueológica. Ao contrário, a observação de sequências estratigráficas respeitantes a espaços confinados, como o interior de uma habitação, ou de um bastião, onde a componente antrópica foi determinante, corresponderam a processos de sedimentação particulares e de expressão local, não sendo naturalmente passíveis de correlação entre si.

Importa ainda ter presente algumas considerações quanto às exigências e limitações no propósito de conferir às sequências estratigráficas a dimensão cultural que elas sempre comportam. Para tal, é determinante atender ao conteúdo artefactual de cada uma das camadas estratigráficas consideradas. Não se trata, contudo, de um conceito “fechado”, constituído por um determinado número de artefactos significativos mutuamente exclusivos. A evolução da cultura material raramente se fez por substituições bruscas, absolutas e definitivas: é o conceito de predominância estatística que deve presidir à interpretação, sendo certo que o Calcolítico da Estremadura foi, de há muito, reconhecido como um campo ideal de aplicação de tais princípios. No caso concreto de Leceia, foi possível associar a cada uma das três camadas arqueológicas principais da sequência estratigráfica identificada pelos critérios atrás expostos, determinadas produções cerâmicas, de formas e decorações bem definidas, que as caracterizam do ponto de vista da cultura material, correspondendo a três fases cronológico-culturais bem diferenciadas.

O exercício nada tem de teórico ou pré-concebido, pois decorre da realidade observada. Os resultados obtidos não invalidam, naturalmente, os fenómenos de coexistência real existentes entre produções artefactuais distintas, configurando o continuum que caracterizou, na maioria dos casos, a sucessão das culturas materiais observada num dado espaço geográfico.

Aliás, a efectiva articulação crono-cultural da sequência geral estabelecida foi cabalmente demonstrada pela série de datas de radiocarbono obtidas (Cardoso, 2000) para cada uma das camadas que a constituem e a sua conotação foi fácil e imediata com ocupações homólogas



entretanto identificadas em outros povoados calcolíticos da Estremadura, com destaque para o de Zambujal (Kunst 1996).

Foram estes princípios metodológicos e as limitações que a eles foram em devido tempo apontadas, que estiveram sempre presentes no decurso das vastas escavações em área realizadas que permitiram conferir às sequências estratigráficas definidas significado cronológico-cultural unívoco e fiável. Com efeito, qualquer uma das realidades individualmente observadas – sequências estratigráficas, e sequências construtivas – resultaram, em última análise, de uma única causa: a presença das comunidades humanas que, por um período de tempo mais ou menos dilatado, se sucederam nos três sítios em apreço, e das actividades quotidianamente por elas neles desenvolvidas, que deixaram vestígios representados pelos restos dos artefactos e das construções ali encontrados. Assim, importava proceder à caracterização das arquitecturas defensivas, por um lado e, por outro, procurar a sua articulação com as estruturas habitacionais e as actividades domésticas ali desenvolvidas, em cada caso, expressas pelas tipologias dos artefactos e sua evolução ao longo do tempo, em qualquer um dos sítios considerados. Assim se procurou compreender a sua importância e funcionalidade como centros populacionais que eram, e a forma como se teriam inserido no quadro demográfico e económico regional de que faziam parte integrante. Este objectivo só foi possível pelo facto de, em qualquer dos três casos estudados, se ter conseguido informação representativa, só possível mediante a realização de ambiciosos programas de trabalhos de campo, que, iniciados em 1983, se desenvolveram ininterruptamente até 2016, cujos resultados foram e são essenciais para o conhecimento da génese das sociedades complexas calcolíticas do ocidente peninsular.

2. ASPECTOS TERMINOLÓGICOS

Importa clarificar a terminologia arqueológica utilizada. Assim, se o termo Calcolítico Inicial se encontra de há muito estabelecido, correspondendo, na Estremadura, às ocupações habitacionais caracterizadas, ao nível do registo ceramográfico, pela presença dominante das decorações caneladas, aplicadas sobretudo a recipientes cilíndricos de boa qualidade (os conhecidos “copos canelados” e “taças caneladas”), já o termo Calcolítico Pleno/Final carece de esclarecimento. Com efeito, é ainda usual, no faseamento do Calcolítico da Estremadura, considerar o Calcolítico Pleno como caracterizado pela presença das conhecidas decorações em “folha de acácia” e “crucífera”, correspondentes a folículos aplicados por impressão de matriz na pasta mole, sobretudo de grandes recipientes globulares, reservando o termo Calcolítico Final para o intervalo de tempo correspondente à afirmação das cerâmicas campaniformes. Ora, como ficou cabalmente demonstrado na região em apreço, correspondente à Baixa Estremadura, a emergência das produções campaniformes acompanharam as produções do grupo “folha da acácia / crucífera” (Cardoso 2014 a; Cardoso 2017), sem prejuízo de, em alguns casos, se observar a total ausência das produções campaniformes, apesar das datas de ocupação dos sítios em que tal se verifica serem plenamente compatíveis com a presença de tais produções. Tal evidência encontra-se exemplarmente documentada no Outeiro Redondo, onde as produções campaniformes são vestigiais, concentrando-se no sector mais ocidental do povoado, apesar de a cronologia da sua ocupação ter coincidido com o apogeu daquelas produções e do sítio se enquadrar na área de maior concentração geográfica das mesmas, a nível peninsular.

Por outras palavras, o critério da presença/ausência de produções campaniformes, não é factor discriminante entre as ocupações atribuíveis ao Calcolítico Pleno e ao Calcolítico Final da Estremadura. Assim sendo, adoptando um critério coerente, alicerçado na cronologia absoluta, todas as ocupações ulteriores a cerca de 2500 a.C. registadas na Estremadura, possuam ou não presença campaniforme, devem reportadas ao Calcolítico Pleno/Final, e não ao Calcolítico Pleno ou ao Calcolítico Final, de acordo com o critério de ausência/presença de produções campaniformes, como até agora tem sido prática corrente.

3. OS SÍTIOS: ASPECTOS ARQUITECTÓNICOS E ESTRATIGRÁFICOS; MATERIAIS RECOLHIDOS

A localização geográfica dos três sítios a seguir estudados encontra-se assinalada na **Figura 1**, a par dos sítios comparáveis estremenhos de maior importância.

3.1. Leceia

Em Leceia, sítio escavado no decurso de vinte campanhas anuais de escavações entre 1983 e 2002 identificaram-se três fases culturais e cinco fases construtivas, com início no Neolítico Final e *terminus* no Calcolítico Pleno/Final, coincidente com a eclosão do “fenómeno” campaniforme. Tal realidade encontra-se articulada directamente com a sequência estratigráfica observada, de acordo com os critérios metodológicos atrás enunciados (Cardoso 2010).

A primeira fase cultural corresponde ao estabelecimento de um vasto povoado aberto, sobre a plataforma rochosa de Leceia, correspondente a bancadas de calcários recifais cretácicos; qualquer que seja o local investigado onde a escavação tenha descido até ao substrato geológico, ocorre uma camada castanho-avermelhada – Camada 4 – directamente assente sobre aquele, com abundantes materiais do Neolítico Final, caracterizados particularmente pelas cerâmicas, onde avultam os característicos recipientes de bordos denteados, as cerâmicas carenadas e, excepcionalmente, cerâmicas decoradas, com motivos plásticos (cordões em relevo, mamilos simbólicos), incisos ou impressos, que podem considerar-se reminiscências do chamado Neolítico Antigo Evolucionado da Estremadura.

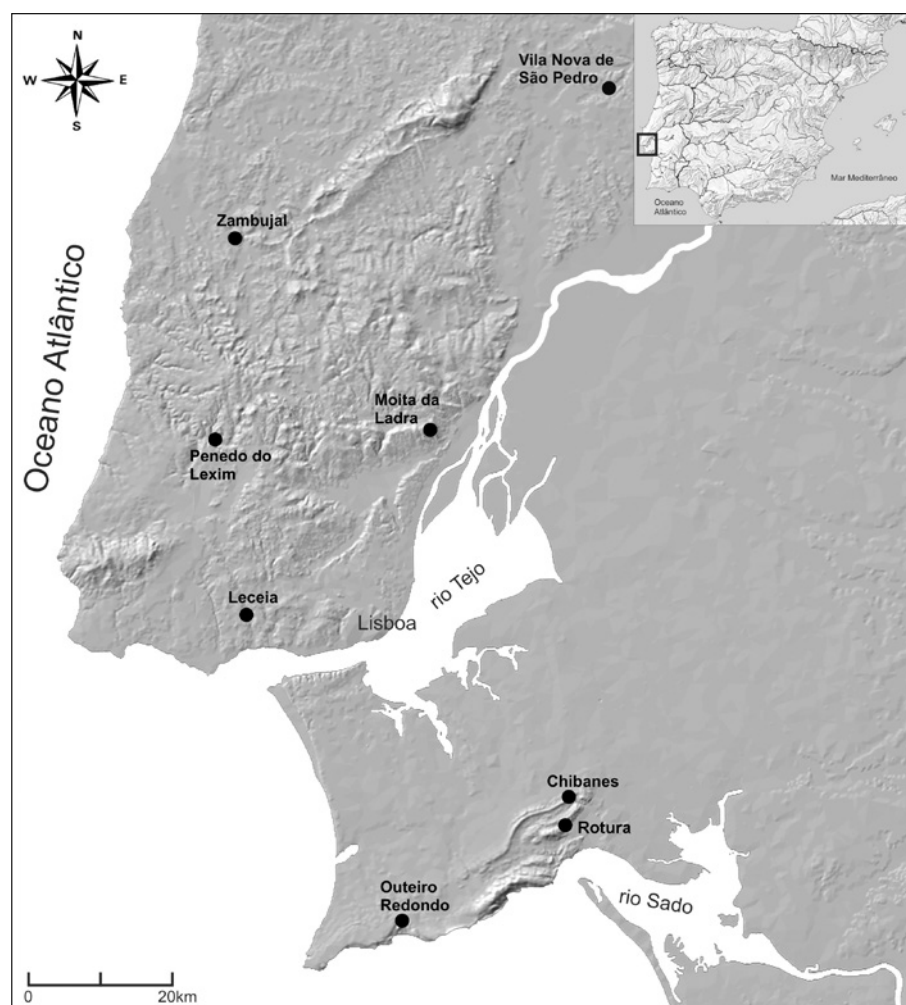


Figura 1 – Localização geográfica dos povoados de Leceia, Moita da Ladra e Outeiro Redondo no quadro do povoamento calcolítico da Estremadura.



Associada a esta fase cultural, foi apenas identificada uma fase construtiva, representada por pequenos segmentos de muros rectilíneos, correspondentes a estruturas de natureza habitacional, que já se encontrariam arrasadas aquando da construção da primeira linha defensiva, logo no início do Calcolítico Inicial; a maioria dos materiais encontra-se em posição derivada, preenchendo as zonas mais deprimidas do substrato geológico, onde naturalmente se acumularam.

Logo nos primórdios do Calcolítico Inicial, cerca de 2800 anos a.C. e após um abandono que poderá não ter ultrapassado algumas dezenas de anos, construiu-se um complexo dispositivo defensivo, organizado em três linhas curvilíneas, reforçadas por bastiões do lado externo, que fechavam um esporão rochoso, de contorno sub-triangular, dominando do alto da margem direita a ribeira de Barcarena (Figura 2).

Do ponto de vista construtivo, a esta fase cultural, bem definida, tanto estratigráfica como arqueograficamente, correspondem três fases construtivas, respectivamente a segunda a terceira e a quarta fases. Na segunda, reportável logo aos primórdios do Calcolítico Inicial, assisteu-se à construção de um complexo dispositivo defensivo articulado em três linhas muralhadas, de planta arqueada e sub-paralelas, defendidas e reforçadas exteriormente por bastiões semicirculares, em geral ocios. Tal programa, que terá sido efectuado em curto intervalo de tempo, reflecte uma concepção prévia da forma como se pretendia ocupar o espaço disponível, de acordo com um plano rigorosamente levado à prática. O resultado obtido, é formalmente comparável a outros sítios fortificados do território português, a começar pelos dois mais notáveis e próximos paralelos, igualmente pertencentes ao distrito de Lisboa, o povoado pré-histórico de Zambujal (Torres Vedras) e o de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja), cujo evidente “ar de família” denota realidades comparáveis, extensíveis a todo o rico território da Estremadura portuguesa.

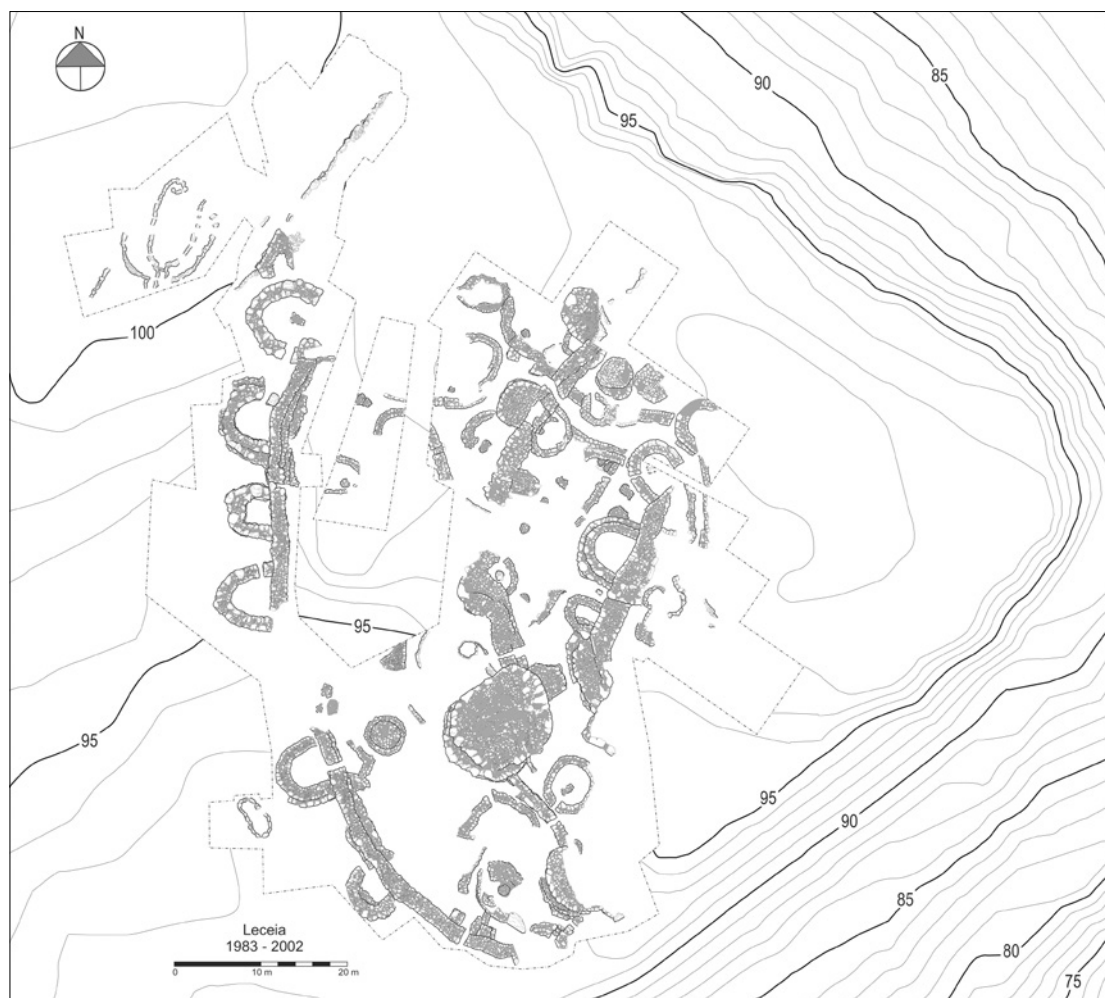


Figura 2 – Planta do povoado calcólico fortificado de Leceia (seg. J. L. Cardoso).

Observa-se claramente as preocupações defensivas presentes no espírito dos construtores, ao fecharem, através das três linhas muralhadas, a plataforma, do lado em que esta se apresentava mais vulnerável, tirando partido da existência, dos dois outros lados (sul e nascente) da existência de uma escarpa natural, que atinge em geral cerca de 10 m de altura, e que delimitava a plataforma habitada, constituindo esporão debruçado sobre o vale da ribeira de Barcarena.

Esta realidade encontra-se igualmente denunciada pelos sucessivos reforços, os quais respeitaram igualmente programas gerais de reconfiguração e de reabilitação, que interessaram todo o dispositivo defensivo, objecto assim de renovações periódicas e coerentes.

À derradeira fase construtiva do Calcolítico Inicial reportam-se diversas unidades arquitectónicas de carácter comunitário, como é o caso dos embasamentos de três eiras. É interessante referir que todos eles se encontram no interior do espaço defendido, facto elucidativo do clima de instabilidade social então vigente. Outra estrutura comunitária corresponde a caminho lajeado, em parte sobreposto cabana circular, sendo deste modo mais moderno que esta: inscreve-se, de facto, na Fase 4 construtiva. Este caminho, além de constituir caso único na pré-história portuguesa, tem a particularidade de ser munido de vários degraus, para vencer o declive existente do lado meridional do povoado, conectando duas entradas, respectivamente, na primeira e na segunda linhas defensivas.

Existem estruturas que, pela sua extensão, se integram também uma utilização comum aos habitantes do povoado. É o caso de uma vasta superfície lajeada, entre a primeira linha defensiva e o grande torreão maciço que articula a segunda e a terceira linhas defensivas (ver Figura 1). Esta poderia desenvolver-se a céu aberto, mas é também possível que o espaço fosse coberto, aproveitando os apoios oferecidos pelas duas referidas estruturas. A sua utilização poderia ser múltipla, como a reunião de pessoas e de gado em situações de maior conflitualidade.

A 5.^a e última fase construtiva corresponde à 3.^a Fase Cultural, atribuída ao Calcolítico Pleno/Final, durante o qual se verificou contracção do espaço ocupado, com a conseqüente diminuição do número de habitantes, ao mesmo tempo que as estruturas defensivas atingiam o nível de degradação quase total. O desinvestimento na edificação ou manutenção das muralhas e bastiões não foi, ao contrário do que se poderia crer, acompanhado de um declínio na qualidade ou quantidade das produções domésticas, bem pelo contrário: com efeito, parece ser nesta fase que a população sediada em Leceia atingiu o seu maior florescimento económico, como é evidenciado pela rica e variada utensilagem ali recolhida com destaque para o instrumental de cobre. Por outro lado, a presença de grandes espaços domésticos sugere que o investimento construtivo se transferiu para estes edifícios, de carácter comunitário, dadas as suas dimensões. São vários os identificados entre a segunda e a terceira linhas muralhadas. Apresentam plantas elipsoidais, com mais de 10 m de eixo maior, munidos de entradas, marcadas por soleiras tanto do lado externo como do interno, que se juntam às duas cabanas campaniformes identificadas na área extramuros e que permitiram demonstrar a antiguidade da emergência do fenómeno campaniforme na região do estuário do Tejo (Cardoso 2019 a), atribuindo-o a um grupo populacional provavelmente distinto daquele que habitava o espaço intramuros, embora tenham estabelecido relações de proximidade, como aliás atesta a adjacência destas duas cabanas da primeira linha defensiva do sítio fortificado (Cardoso 2014 a).

À última fase construtiva pertence ainda uma estrutura de carácter comunitário de planta subcircular e fechada, definida por pequenas lajes colocadas verticalmente. Inicialmente, poderia corresponder a um silo, entretanto abandonado e reaproveitado como lixeira: é o que indica o respectivo enchimento, com abundantes restos faunísticos e arqueológicos, incluindo produções cerâmicas características do Calcolítico Pleno/Final, de mistura com alguns restos humanos, cuja datação veio comprovar tratar-se de um ocasional depósito funerário da Idade do Bronze, de meados do 2.^o milénio a.C. (Kunst, Cardoso e Waterman 2014).

3.2. Moita da Ladra

O povoado calcolítico fortificado de Moita da Ladra implanta no topo de uma chaminé basáltica de idade fini-cretácica, pertencente ao Complexo Vulcânico de Lisboa-Mafra. Os trabalhos realizados permitiram determinar a extensão da área de interesse arqueológico, em resultado da execução de escavação em extensão, que atingiu uma área aproximada de 1000m² (Cardoso 2014 b).



No interior do recinto assim delimitado identificaram-se diversas estruturas negativas de contornos, profundidades e dimensões variáveis, próximas umas das outras.

A muralha desenvolve-se de forma contínua, sendo, a meio do seu percurso do lado nascente, intersectada por uma torre de planta sub-circular maciça. Tal como o pano de muralha a ela adjacente, esta torre apresenta-se revestida externamente por aparelho de blocos calcários de assinaláveis dimensões, possuindo um enchimento interno de blocos angulosos de basalto, de menores dimensões. A partir deste local, a muralha curva para poente, observando-se a sua interposição por uma outra torre maciça, pior conservada que a anterior, o que dificulta a sua rigorosa delimitação em planta (ver Figura 3).

No sector da muralha voltado para Sul, destaca-se uma entrada, com corredor claramente definido por dois paramentos paralelos, de ambos os lados, definidos por blocos calcários, possuindo o chão revestido de lajes. Importa assinalar que, em outros locais onde o calcário falta em absoluto, como aqui, construíram-se dispositivos defensivos análogos, incluindo bastiões, recorrendo a rochas basálticas: é o caso da fortificação calcolítica do Penedo do Lexim, Mafra, como esta edificada no topo de uma chaminé vulcânica (Sousa, 2021). Tal situação comprova que não seria indispensável o recurso a elementos calcários para assegurar a estabilidade das estruturas defensivas aqui edificadas. Deste modo, as razões para a utilização sistemática de elementos calcários, que implicou assinalável esforço, tendo presente as várias toneladas de blocos calcários transportados para o local, visto que os afloramentos mais próximos só ocorrem no sopé da elevação, do lado poente, onde se encontram expostos em escarpa natural ali existente, deverão residir em outros motivos. Verifica-se que é no sector mais proeminente e exposto do recinto, voltado a Sul, com ampla exposição visual a quem circulasse no Tejo ou nas terras baixas adjacentes, aquele onde maior concentração de blocos calcários se observa. Esta realidade só pode ter justificação na intenção deliberada, por parte dos habitantes do recinto, para que este fosse imediata e facilmente identificado, constituindo referência incontornável na paisagem. Aliás, a relação existente com o estuário do Tejo é sublinhada pela própria posição e orientação da entrada acima referida, para ele voltado, apesar de se situar no lado da encosta mais íngreme e desfavorável acesso.

Ainda que as estruturas referidas se encontrem reduzidas aos alicerces, a brancura dos blocos calcários que as integram, contrastando fortemente com a coloração negra das rochas basálticas envolventes, tornava-as facilmente identificáveis ao longe, no topo da elevação; imagine-se então o verdadeiro cenário que, à época, constituiria o recinto muralhado, com as torres e respectiva entrada dominando do alto do morro a paisagem, designadamente do lado Sul, a várzea e o estuário do Tejo. Trata-se de situação em que o funcionalismo defensivo do recinto muralhado se aliava a outra realidade, associada à sua importância como local de referência, pela deliberada visibilidade que lhe foi conferida, tanto para as populações ribeirinhas do Tejo, com ele directamente relacionadas, como para os forasteiros que demandavam a região.

3.3. Outeiro Redondo

O povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo situa-se numa elevação isolada de calcários brancos e duros do Jurássico Superior (“Calcários de Azóia”), atingindo a cota de 210 metros, constituindo, com o morro do castelo de Sesimbra e o morro do Moinho da Forca, uma linha de relevos com orientação Nordeste-Sudoeste. As encostas, no sector voltado a noroeste são abruptas, formando escarpa vertical com mais de 20 m de altura, enquanto que dos restantes lados se apresentam invariavelmente muito íngremes.

Para quem vem do mar, o povoado seria um marco visível na linha de relevos culminantes, sublinhado pelo recinto fortificado, o qual possui particular desenvolvimento do lado Sul, implantado em torno do topo da elevação. Além das condições geomorfológicas oferecidas pelo local, a implantação do povoado foi determinada pela existência de água doce na base da elevação, onde se observa uma captação datada do século XIX destinada a abastecimento público.

As diversas campanhas de escavação, realizadas entre 2005 e 2016 revelaram a existência de um dispositivo defensivo constituído por uma única linha muralhada, envolvendo a parte mais alta da elevação associada a um conjunto de estruturas de carácter defensivo e habitacional (Figura 4), semelhante à situação observada no povoado de Moita da Ladra.



Demonstrou-se a existência de uma importante sucessão estratigráfica, integrando um primeiro período de ocupação entre 2610-2460 cal BC a 2 σ , correspondente ao Calcolítico Inicial e um segundo período de ocupação, entre 2440-2110 cal BC a 2 σ , respeitante ao Calcolítico Pleno/Final de acordo com o tratamento estatístico dos resultados das datações absolutas realizadas pelo método do radiocarbono (Cardoso, Soares e Martins 2010/2011).

Na frente da elevação voltada a Sul destaca-se um bastião oco, de planta curvilínea, em posição avançada face à muralha envolvente, constituindo um dispositivo do tipo barbacã.

No sector oriental do povoado avulta a existência de ampla entrada, voltada para sudoeste, delimitada por dois muros rectilíneos já do segundo período de ocupação, cujas características se afiguram mais do foro simbólico do que funcional, dadas as dimensões, desproporcionadas em termos estritamente defensivos. Neste mesmo sector ocorre um pano de muralha que flanqueava, do lado interno, a muralha principal, criando um espaço entre ambas, vazio e fechado, podendo desempenhar as funções de barbacã, configurando situação comparável à observada no povoado calcolítico fortificado do Zambujal (Torres Vedras).

À primeira fase construtiva, do final do Calcolítico Inicial, anterior à construção do recinto defensivo correspondem diversas estruturas domésticas, com destaque para uma cabana de planta circular, assente no substrato geológico, cujo interior integrava lareira estruturada.

A segunda fase construtiva, coeva da construção da muralha envolvente da parte mais alta do morro, pertencente ao Calcolítico Pleno/Final, está também representada por várias estruturas habitacionais. À fase mais tardia desta última fase construtiva pertencem duas cabanas de planta ortogonal, as quais correspondem às mais antigas arquitecturas deste tipo até agora registadas no ocidente peninsular, embora talvez com antecedentes no Neolítico Final de Leceia. Merecem destaque, enfim, duas estruturas negativas embutidas nos paramentos do sector ocidental da própria muralha e que podem corresponder a silos.

4. ENSAIO COMPARATIVO ENTRE ALGUNS GRUPOS DE ARTEFACTOS REPRESENTADOS NOS TRÊS POVOADOS EM APREÇO

Para a avaliação objectiva da importância das actividades domésticas realizadas em cada um dos três povoados em apreço, no decurso da sua existência, recorreu-se à quantificação de diversos conjuntos de artefactos seleccionados, considerados mais expressivos das diversas actividades domésticas neles realizadas, tanto líticos como cerâmicos e metálicos. Procurou-se assim caracterizar as principais características da economia doméstica observada nos três sítios em apreço, tendo em vista identificar semelhanças e diferenças entre eles.

4.1. Indústria lítica

No conjunto das indústrias líticas, elegeram-se dois grupos de utensílios, de natureza complementar, um, relacionado com a exploração alargada dos territórios, que requeria o próprio domínio efectivo dos mesmos, constituído pelas pontas de seta, relacionadas com as actividades de caça e, paralelamente, com a guerra; o segundo grupo de utensílios, correspondendo às lâminas foliáceas, encontravam-se associadas sobretudo à agricultura cerealífera (Cardoso e Guibaja 2019; Clemente, Mazzucco e Soares 2014), cuja maior ou menor abundância pressupunha comunidades mais ou menos estáveis e permanentes num determinado território. Admitiu-se assim que a ponderação da presença relativa em cada sítio destes dois grupos de utensílios, reflectiria a natureza e características da própria comunidade ali instalada.

4.1.1. Pontas de seta e lâminas foliáceas do Calcolítico Inicial

Em Leceia, as lâminas foliáceas correspondem ao tipo mais comum de utensílio no Calcolítico Inicial, com 26,7% do conjunto total da indústria lítica, seguido do grupo das pontas de seta (20,6%) (Cardoso e Martins 2013).

A existência de um número elevado de pré-formas e esboços revela que tais peças eram talladas no local; no entanto, não se exclui a hipótese de alguns esboços serem importados e apenas acabados no povoado, como parece evidenciar-se pelos exemplares de sílex de tonalidades



avermelhadas, provavelmente oriundos da região de Rio Maior. Com efeito, se, na camada mais antiga, a Camada 4, dominam os exemplares fabricados em sílex local, de tons cinzentos, já na Camada 3 se verifica aumento do sílex aparentemente exógeno. Do ponto de vista métrico, comparando as duas camadas existe uma tendência para o aumento do comprimento e da largura dos exemplares. Predominam as lâminas foliáceas com lascamento/retoque cobridor bifacial de contorno elipsoidal em ambas as etapas culturais.

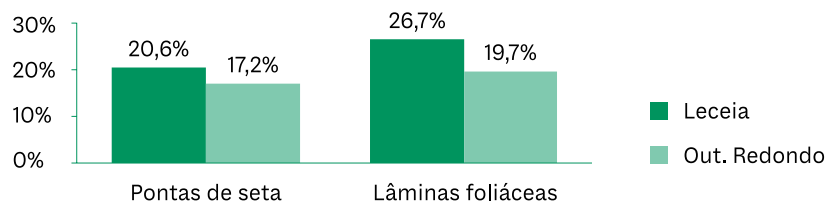


Figura 5 – Percentagens de pontas de seta e de lâminas foliáceas do Calcolítico Inicial observadas nos dois sítios indicados.

No Outeiro Redondo, todas as pontas de seta recolhidas na Camada 3 são de sílex, dominando os tons cinzentos. Recolheram-se 21 exemplares representando 17,2% do conjunto da indústria de pedra lascada (**Figura 5**), ocupando o terceiro grupo tipológico mais abundante naquele povoado (Cardoso 2019 b, Quadro 7).

As lâminas foliáceas, mais representativas que as pontas de seta nesta Camada com 19,7%, estão representadas por 24 exemplares.

4.1.2. Pontas de seta e lâminas foliáceas do Calcolítico Pleno / Final

Em Leceia, o conjunto mais numeroso, na Camada 2, corresponde às lâminas foliáceas (31,6%), seguidas das pontas de seta (18,5%), com base no número absoluto de exemplares indicado no Quadro 1. É nesta camada que está presente a maior variedade de tons de sílex escolhidos para o fabrico das lâminas foliáceas, mantendo-se em valores percentuais elevados o sílex considerado exógeno (tons rosados e avermelhados), realidade que é compatível com a importância da importação de suportes em fase de esboço ou de pré-forma. Foi ainda na Camada 2 que se identificou o maior número de exemplares com sinais de reavivamento de gumes danificados acusando maior preocupação com o reaproveitamento deste tipo de utensílio, talvez decorrente da intensificação das produções cerealíferas, que requeria a disponibilidade de um número crescente de exemplares funcionais. A diversidade de tipos de lâminas foliáceas permanece face à camada anterior, aumentando em número absoluto de exemplares.

No tocante às pontas de seta, observa-se aumento de exemplares de sílex local, de tons cinzentos e acastanhados, bem como a presença de quatro exemplares de xisto jaspóide oriundos do Alentejo. Os exemplares mitriformes, dominantes na Camada 3, são nitidamente suplantados pelos de base côncava e bordos rectilíneos na Camada 2 (Cardoso e Martins 2013).

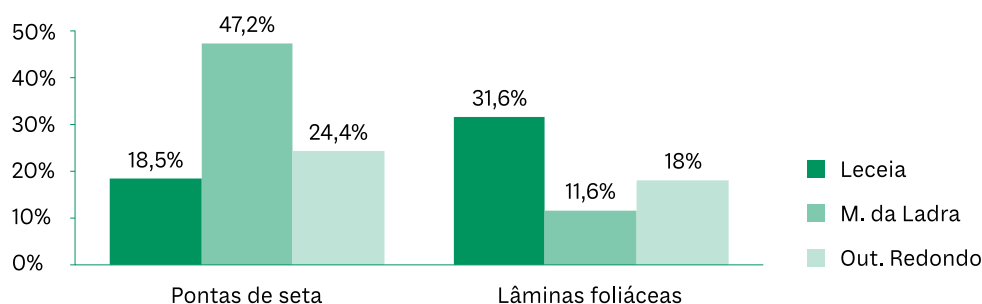


Figura 6 – Percentagem de pontas de seta e lâminas foliáceas aferida à totalidade da indústria de pedra lascada do Calcolítico Pleno/Final, de cada um dos sítios indicados.

Da Moita da Ladra provêm 142 pontas de seta, correspondendo a 47,2% do conjunto total dos utensílios líticos, sendo o utensílio lítico dominante, das quais 134 se encontram inteiras (94,4%). A matéria-prima dominante é o sílex, com 133 exemplares, e o xisto jaspóide, com 9 exemplares inteiros.

Com menor presença, foram identificadas lâminas foliáceas, entre inteiras e fragmentadas, correspondendo a 11,6% do conjunto total dos utensílios líticos. 4 peças correspondem a esboços (11,4%), 25 apresentam-se em fase de pré-forma (71,4%), e apenas 6 peças, aparentemente, se apresentam em estado final de utilização (17,1%).

No Outeiro Redondo, no conjunto total da indústria lítica recolhida na Camada 2, as pontas de seta são o grupo tipológico mais abundante com 110 exemplares, representando 24,4%, com destaque para a presença de 11 exemplares de xisto jaspóide (Cardoso 2019 b).

Nos três sítios, a presença de exemplares de xisto jaspóide, ainda que em quantidades diferentes, situação explicável pela distinta localização geográfica de cada um deles, face ao território alentejano, vem ilustrar as relações de troca mantidas com aquela região, de onde vinha, especialmente, o cobre (Zona de Ossa/Morena) e os anfibólitos. Constata-se que estas pontas de seta chegavam aos três povoados já manufacturadas devido à inexistência de restos de talhe em jaspe, contrariamente aos exemplares em sílex, em que presença de pré-formas revela que tais peças eram, pelo menos em parte, talhadas localmente (Cardoso 2019 b).

As lâminas foliáceas representam 18% no conjunto total da indústria de pedra lascada na Camada 2 (**Figura 6**). Dos 81 exemplares, cinco apresentam-se como esboços, quarenta e um são pré-formas e/ou fragmentos de extremidades (representando 50,6% do conjunto) e trinta e cinco apresentam-se inteiros. A diversidade de tipos de lâminas foliáceas aumenta face às do Calcolítico Inicial (Camada 3).

Comparando os resultados obtidos para as pontas de seta e lâminas foliáceas nas diferentes camadas registadas nos três povoados em análise (**Quadro 1, Figuras 5 a 8**), no respeitante às ocupações do Calcolítico Inicial, apenas registadas em Leceia e no Outeiro Redondo, parece poder concluir-se que ambos os povoados possuíam actividades de importância semelhante, no que respeita àquelas que eram asseguradas por estes dois tipos de utensílios, um relacionado com a caça/actividades bélicas, o outro com a produção de alimentos, tendo presente os quantitativos observados.

No respeitante às ocupações do Calcolítico Pleno/Final respeitantes aos três povoados em apreço, regista-se que o que revela uma menor percentagem de pontas de seta face ao conjunto da utensilagem lítica recolhida na mesma camada, é o de Leceia, onde, em compensação, é aquele que revela o conjunto mais importante de lâminas foliáceas. Isto significa que corresponde, dos três sítios, àquele onde as actividades produtivas relacionadas com a cerealicultura seriam as mais importantes, contrastando com as relacionadas com a caça/guerra, corporizando uma população estável e fixada a um território que explorava de forma continuada e exaustiva.

Ao contrário, é na Moita da Ladra que as pontas de seta assumem maior importância, sendo também aquele onde as lâminas foliáceas detêm menor importância no conjunto da utensilagem. A conclusão a tirar é a de que se trataria de uma população pouco fixada à exploração da terra, sem que tal signifique menor preocupação pelo domínio do respectivo território, expresso pela elevada quantidade relativa de pontas de seta, relacionadas com a caça/guerra. Tal situação é compatível com o papel de entreposto assumido por este povoado, na recepção dos produtos oriundos do Alentejo e sua distribuição através das vias de circulação então existentes na península de Lisboa, cuja segurança e estabilidade importava assegurar.

Já o Outeiro Redondo revela uma situação com características intermédias, que fazem dele um povoado com uma componente de controlo sobre o espaço envolvente, corporizada pelas pontas de seta e por conseguinte, de domínio sobre a via de penetração no interior do território correspondente ao vale que domina do alto da sua encosta direita, mas onde, simultaneamente, se assistiria à produção agrícola especializada, bem evidenciada pela assinalável quantidade de lâminas foliáceas nele presentes.

O quadro a seguir apresentado suporta, em termos quantitativos, as considerações expostas.



Quadro 1 – Quadro comparativo do número de exemplares de pontas de seta e lâminas foliáceas e indicação da sua percentagem em relação à totalidade da indústria de pedra lascada em cada uma das três estações arqueológicas em análise.

Sítio	Pedra lascada	C3		C2		Total		Referências
		Cal. Inicial		Cal. Pleno/Final				
		N.º	%	N.º	%	N.º	%	
Leceia	Pontas de seta	88	20,6%	93	18,5%	195	17%	Cardoso & Martins, 2013 (Quadro 2)
	Lâminas foliáceas	114	26,7%	159	31,6%	288	25,1%	Cardoso & Martins, 2013 (Quadro 2)
M. da Ladra	Pontas de seta	–	–	142	47,2%	142	47,2%	Cardoso, 2014b (Quadro 1)
	Lâminas foliáceas	–	–	35	11,6%	35	11,6%	Cardoso, 2014b (Quadro 1)
Out. Redondo	Pontas de seta	21	17,2%	110	24,4%	131	22,9%	Cardoso, 2019b (Quadro 7)
	Lâminas foliáceas	24	19,7%	81	18%	105	18,4%	Cardoso, 2019b (Quadro 7)

No que respeita à evolução diacrónica da funcionalidade dos dois povoados expressa pelos dois grupos de utensílios considerados, não se evidenciam alterações evidentes, embora em Leceia a diminuição relativa das pontas de seta seja coerente com o aumento das lâminas foliáceas; já no respeitante ao Outeiro Redondo, na passagem do Calcolítico Inicial para o Calcolítico Pleno observa-se exactamente o contrário. Nestes termos, é lícito concluir que Leceia reforçou o seu estatuto essencialmente doméstico, com o aumento da prática agrícola nos campos em torno do povoado, enquanto que no Outeiro Redondo se observou tendência para o incremento da exploração dos recursos cinegéticos, envolvendo o alargamento do domínio efectivo da área da sua captação.

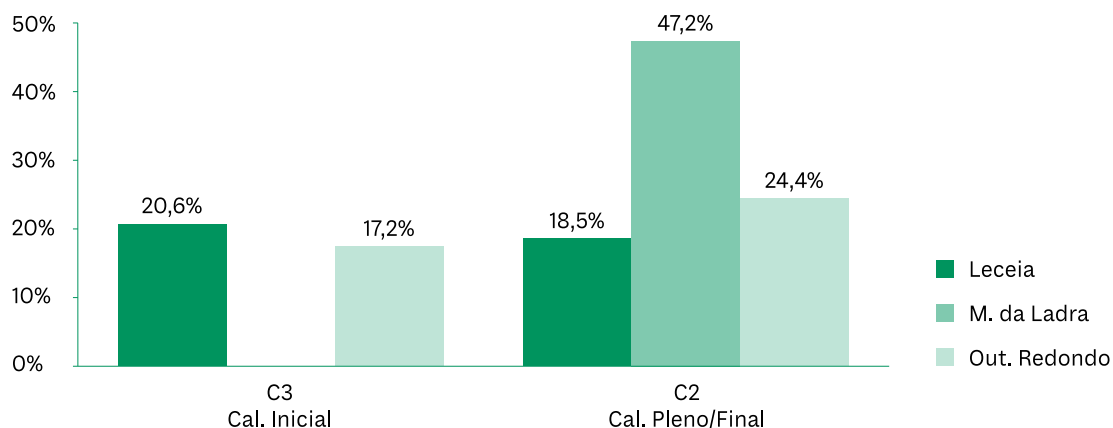


Figura 7 – Evolução da presença de pontas de seta nas três estações arqueológicas consideradas.

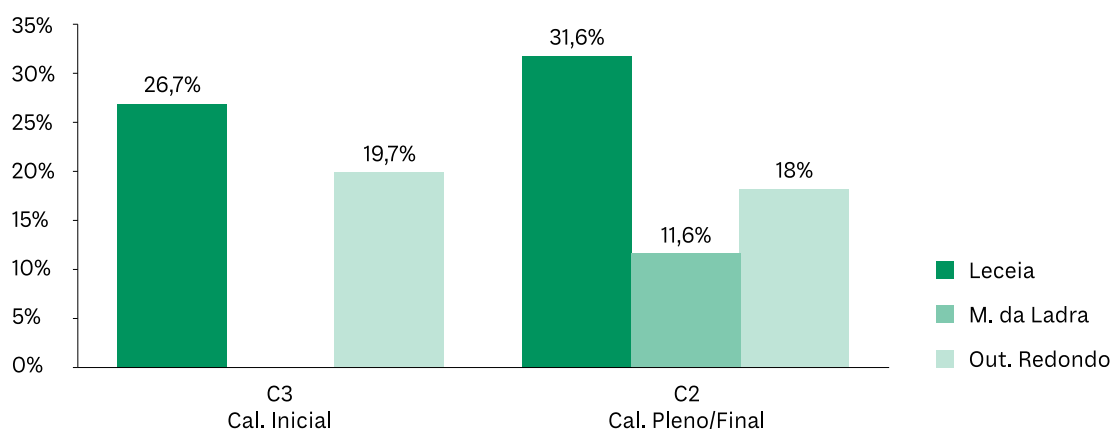


Figura 8 – Evolução da presença de lâminas foliáceas nas três estações arqueológicas consideradas reportadas à totalidade da utensilagem de pedra lascada recolhida em cada uma das respectivas camadas.

4.2. Artefactos industriais

No conjunto dos artefactos susceptíveis de caracterizarem de forma expressiva as actividades económicas desenvolvidas em contextos habitacionais calcolíticos, avultam certos grupos usualmente designados por “cerâmicas industriais”, por estarem relacionados directamente com actividades de produção, constituindo-se assim importantes indicadores, pela sua maior ou menor presença no registo arqueológico, sobre as práticas prevalecentes em cada um deles, no respeitante à especialização das produções neles verificadas.

4.2.1. Cadinhos de fundição e pesos de tear recolhidos em contextos do Calcolítico Inicial

Em Leceia foi recolhido apenas um fragmento de cadinho (Cardoso *et al.*, 2020, Fig. 8), tratando-se do único vestígio inequívoco da existência de práticas metalúrgicas ali recolhido (**Figura 9**).

Os pesos de tear em Leceia estão representados por apenas oito exemplares (apenas um decorado), quase sempre fragmentados, oriundos de contextos do Calcolítico Inicial, Camada 3 (Cardoso 2007).

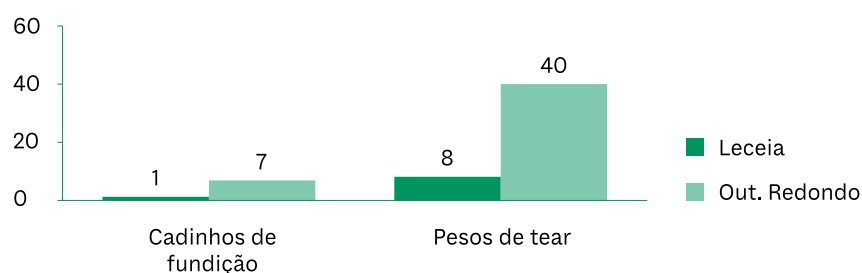


Figura 9 – Número de exemplares de cadinhos de fundição e pesos de tear recolhidos em contextos do Calcolítico Inicial, nas três estações consideradas.

No Outeiro Redondo recolheram-se, em contextos do Calcolítico Inicial (Camada 3), 7 fragmentos de cadinhos de fundição, alguns deles possuindo pequenos pés de sustentação na sua face inferior (Cardoso 2019 b).

No que diz respeito aos pesos de tear, foram recolhidos 40 exemplares, dos quais 15 são decorados (Cardoso 2019 b).

Estes resultados evidenciam que, apesar da área habitada no Outeiro Redondo ser muito inferior à de Leceia, a actividade metalúrgica era muito mais importante que a registada em Leceia, o mesmo se verificando com outra produção doméstica especializada, a tecelagem. Assim, pode concluir-se que, enquanto um pequeno centro demográfico acolheu uma população dedicada de forma muito evidente a certas actividades domésticas especializadas, já um centro demográfico de grandes dimensões, acolheria população sobretudo consumidora daqueles produtos, os quais obtinha por troca, oriundos do exterior. Ver-se-á que esta tendência se irá acentuar na fase mais recente do Calcolítico.

4.2.2. Cadinhos de fundição, algaravizes, pesos de tear e chinchos recolhidos em contextos do Calcolítico Pleno / Final

Em Leceia, nesta camada não se recolheu nenhum fragmento de cadinho, e no que respeita a pesos de tear recolheram-se apenas 6 exemplares lisos, entre inteiros e fragmentados (**Figura 10**).

Na Moita da Ladra foi apenas recolhido um fragmento de cadinho. Trata-se de um exemplar de formato elipsoidal quase completo (Cardoso 2014 b, Fig. 51, n.º 12), que jazia *in situ*, em posição horizontal, perto de uma estrutura de combustão.

Outro artefacto directamente relacionado com a metalurgia, e muito mais raro do que os cadinhos de fundição, são os tubos de algaravizes, de que se recolheu a extremidade distal de um exemplar na Moita da Ladra (Cardoso, 2014 b, Fig. 51, n.º 11). O grupo dos pesos de tear (Cardoso 2014 b, Figs. 47 e 48) está representado com 14 exemplares, nove lisos e cinco decorados (Figura 10).

No Outeiro Redondo recolheram-se, na Camada 2, 19 fragmentos de cadinhos, nuns casos, com contorno tendencialmente elipsoidal a subcircular, sendo pouco fundos, a par de outros, de

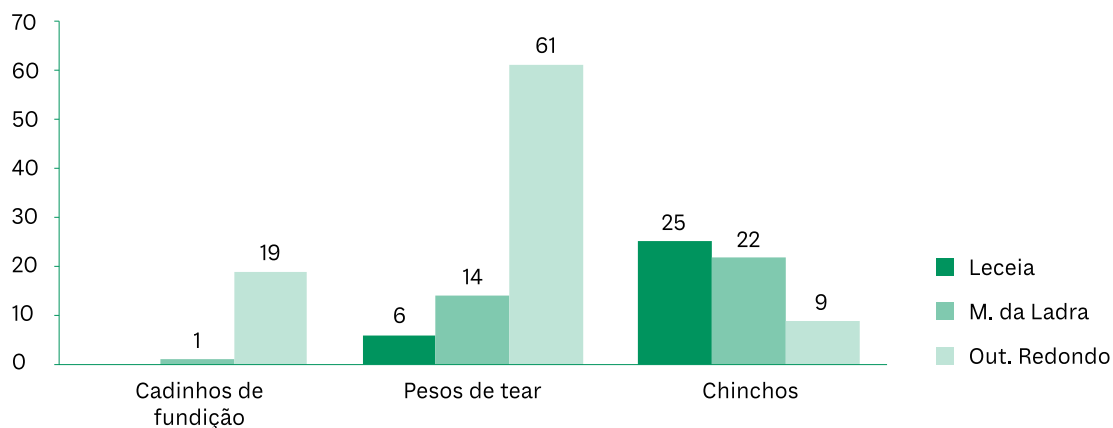


Figura 10 – Número de exemplares de cadinhos de fundição, pesos de tear e cinchos recolhidos em contextos do Calcolítico Pleno/Final nas três estações consideradas.

tendência sub-retangular e mais fundos, como os da Camada 3 mas todos com fundo plano, desprovidos de pés de sustentação no seu lado externo. É de valorizar o elevado número de fragmentos de tubos de algaravizes recolhidos, reforçando a importância da metalurgia neste sítio.

No que diz respeito aos pesos de tear foram recolhidos 61 exemplares dos quais 18 são decorados.

Os cinchos, atribuíveis à preparação de derivados do leite, são exclusivos da Camada 2 nos três povoados em análise, estando representados em Leceia por 25 fragmentos, na Moita da Ladra com 22 fragmentos, e no Outeiro Redondo com 9 fragmentos. Estes resultados encontram-se sumarizados no **Quadro 2**.

Quadro 2 – Distribuição diacrónica do número absoluto de cadinhos de fundição, algaravizes, pesos de tear, e cinchos em cada uma das três estações arqueológicas em análise, pelas camadas identificadas.

Sítio	Artefactos em cerâmica	C3	C2	N.º Total	Referências
		Cal. Inicial	Cal. Pleno/Final		
		N.º	N.º		
Leceia	Cadinhos de fundição	1	–	1	Cardoso, Bottaini, Mirão & Bordalo, 2020 (Fig. 8)
	Algaravizes (tubos de forja)	–	–	–	Cardoso, Bottaini, Mirão & Bordalo, 2020
	Pesos de tear	8	6	14	Cardoso, 2007
	Chinchos	–	25	25	Cardoso, 2007
M. da Ladra	Cadinhos de fundição	–	1	1	Cardoso, 2014b (Fig. 51, n.º 12)
	Algaravizes (tubos de forja)	–	1	1	Cardoso, 2014b (Fig. 51, n.º 11)
	Pesos de tear	–	14 (5 dec.)	14	Cardoso, 2014b (Fig. 48 e 49)
	Chinchos	–	22	22	Cardoso, 2014b (Fig. 50 e 51, n.º 1 a 5)
Out. Redondo	Cadinhos de fundição	7	19	26	Cardoso, 2019b (Quadro 34)
	Algaravizes (tubos de forja)	3	3	6	Cardoso, 2019b (Fig. 149)
	Pesos de tear	40 (15 dec.)	61 (18 dec.)	101	Cardoso, 2019b (Quadro 28)
	Chinchos	–	9	9	Cardoso, 2019b (Quadro 30)

A distribuição absoluta destes grupos artefactuais pelos três sítios considerados é expressiva das diferenças de funcionalidade existentes entre eles. Assim, reforça-se a vertente especializada do Outeiro Redondo na produção de têxteis, evidenciada pelo elevado número de pesos de tear nele recolhidos, apesar da área da estação ser de cerca de 0,5 ha, menos de metade da área construída de Leceia (cerca de 1,2 ha), onde o número de tais exemplares é residual, sendo ainda menor que o verificado em contextos do Calcolítico Inicial. As actividades metalúrgicas expressas por fragmentos de cadinhos recolhidos afiguram-se surpreendentemente inexistentes

ou residuais em Leceia, contrastando com a situação do Outeiro Redondo, reforçando o pendor metalúrgico deste sítio, herdado do Calcolítico Inicial, onde também se recolheu um notável conjunto de tubos de forja (algaravizes), reforçando aquela vertente especializada. Esta abundância contrasta com a escassez de cinchos, muito mais abundantes em Leceia, o que reforça o pendor agro-pastoril deste sítio, já anteriormente evidenciado pela abundância relativa de lâminas foliáceas. Ao contrário, o reduzido número de cinchos provenientes do Outeiro Redondo mostra a pouca importância das actividades agro-pastoris nele desenvolvidas, também já sugeridas pela escassez relativa de lâminas foliáceas, atrás mencionada. A Moita da Ladra afasta-se, porém, deste padrão, pois apesar de possuir a quantidade relativa mais baixa de lâminas foliáceas, possui um número assinalável de cinchos, comprovando economia agro-pastoril na qual a cereali-cultura tinha escassa importância.

4.3. Metalurgia

Qualquer dos três sítios em apreço evidencia assinalável número de artefactos feitos em ligas de cobre. Mas apenas a transformação do cobre importado já sob a forma de lingotes produzidos nas próprias explorações mineiras, tanto alto como baixo-alentejanas para além de outras origens mais longínquas, a par de fragmentos de objectos fora de uso (sucata), se encontra comprovada, sendo para tal necessário a refundição neste último caso, ou simplesmente o corte, a frio ou a quente, seguido da respectiva martelagem, a partir dos lingotes originais. Em Leceia recolheram-se lingotes que evidenciam o processo de separação em pequenas porções, destinadas à obtenção de utensílios de pequenas dimensões, como furadores, sovelas e punções. Dada a grande abundância deste tipo de peças, relacionadas com tarefas que os seus homólogos de sílex não garantiriam, as mesmas não se afiguram relevantes para estabelecer a diferenciação das actividades desenvolvidas nos três povoados em apreço. Mais relevante para aquele objectivo será o grupo das serras/serrotes, que se encontra apenas registado nas camadas correspondentes ao Calcolítico Pleno/Final dos povoados em análise, conforme se indica na **Figura 11** e no **Quadro 3**.

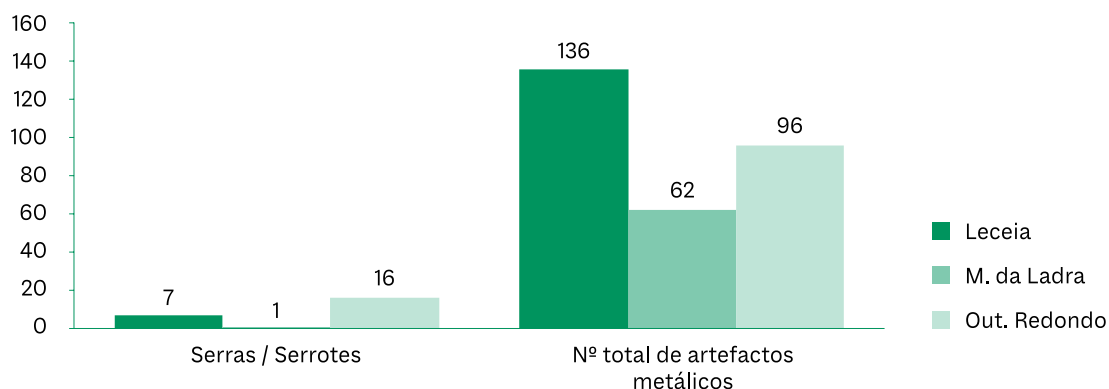


Figura 11 – Número de exemplares de Serras /Serrotes e o número total de artefactos metálicos recolhidos em contextos do Calcolítico Pleno / Final, de Leceia, Moita da Ladra e Outeiro Redondo.

Quadro 3 – Distribuição das serras/serrotes face ao número total de artefactos metálicos, segundo as camadas identificadas.

Sítio	Metalurgia	C3		C2		N.º Total	Referências
		Cal. Inicial		Cal. Pleno/Final			
		N.º	%	N.º	%		
Leceia	Serras/Serrotes	–	–	7	5,1%	7	Cardoso, Bottaini, Mirão & Bordalo, 2020
	Nº total dos artefactos	8	100%	136	100%	144	Cardoso, Bottaini, Mirão & Bordalo, 2020
M. da Ladra	Serras/Serrotes	–	–	1	1,6%	1	Cardoso, 2014b (Fig. 52, n.º 4)
	Nº total dos artefactos	–	–	62	100%	62	Cardoso, 2014b (Fig. 52 e 53)
Out. Redondo	Serras/Serrotes	–	–	16	16,7%	16	Cardoso, 2019b (Quadro 34)
	Nº total dos artefactos	13	100%	96	100%	109	Cardoso, 2019b (Quadro 34)

Admite-se que estes utensílios estejam relacionados essencialmente com a manufactura especializada de peças de madeira, sem ignorar a sua eventual utilização como foices. A sua presença assinalável no Outeiro Redondo, onde aliás a abundância de artefactos metálicos é proporcionalmente muito superior à verificada nos outros dois povoados, poderá explicar-se por actividade especializada relacionada com a transformação da madeira, talvez a construção de aparelhos de artes da pesca, ou mesmo a construção naval (embarcações de troncos ou monóxilas). Importa, a este propósito, sublinhar o assinalável conjunto de anzóis de cobre ali recolhidos, evidenciando, pelos diversos tamanhos, a especialização das capturas, realidade ali pela primeira vez demonstrada (Cardoso 2019). A ausência (Moita da Ladra) ou escassez (Leceia) de anzóis, nos outros dois povoados é expressiva desta realidade.

5. DISCUSSÃO E SÍNTESE CONCLUSIVA

O ensaio de correlação entre cada um dos sítios fortificados e o respectivo conteúdo arqueográfico, expresso pela importância relativa de alguns dos artefactos neles exumados foi agora pela primeira vez realizado. Assim, podem apresentar-se desde já as seguintes conclusões gerais, a serem apuradas à medida que se conheça informação mais diversificada, incluindo a de natureza faunística.

Leceia corresponde a um sítio de tamanho assinalável (ca. 1,2 ha de área construída). Implantado numa plataforma rochosa constituindo esporão sobre o vale da ribeira de Barcarena, cedo evidenciou organização do espaço habitado, passando pela pré-definição no terreno de um dispositivo defensivo que foi construído de uma única vez, no início do Calcolítico Inicial, depois objecto de sucessivos reforços e adaptações, estreitamente articulados com variadas estruturas de natureza habitacional e comunitária que ali se foram construindo ao longo do 3.º milénio a.C. É neste quadro que importa integrar a informação fornecida pela tipologia de alguns utensílios considerados mais expressivos para a caracterização das actividades ali desenvolvidas e, conseqüentemente compreender a própria natureza e integração do sítio arqueológico à escala regional. A escassa importância das actividades domésticas como a tecelagem e a metalurgia mostra que esses produtos seriam obtidos por troca, a partir de outros locais onde eram produzidos. A baixa intensidade das actividades cinegéticas era compensada pela assinalável produção agrícola, evidenciada pela importância das lâminas foliáceas, relacionadas com a cerealicultura, realizada em espaços adjacentes ao povoado tal como o pastoreio de gado bovino e caprino, de onde se obtinha o leite, depois transformado em diversos produtos consumidos no local, que assim se comportava como um “lugar central”, onde afluíam gentes e produtos indispensáveis ao seu quotidiano.

Moita da Ladra correspondia pela posição que ocupa no terreno, características arquitectónicas e materiais construtivos utilizados, a um sítio de referência visual por quem circulava ao longo do Tejo e, sobretudo, por quem demandava a península de Lisboa oriundo dos territórios de além-Tejo. Face ao exposto, é lícito pensar que a implantação do dispositivo defensivo da Moita da Ladra, edificado no decurso do último quartel do 3.º milénio a.C. se encontrasse relacionado com a intensificação económica verificada na região, conforme se deduz do aumento do comércio dos anfibolitos de oriem alentejana (Cardoso 2004), articulando-se com a circulação de bens e de pessoas entre o Alentejo e o litoral atlântico estremenho, por alturas de Torres Vedras, onde existem, para além do povoado do Zambujal, diversos outros importantes povoados calcolíticos, cujos habitantes requeriam, para as tarefas do quotidiano, o abastecimento regular de anfibolitos oriundos do Alto Alentejo para além do cobre: transposto o estuário do Tejo, a forma mais simples de chegar àquelas paragens seria através dos sistemas fluviais que atravessam obliquamente a Baixa Estremadura, dispensando deste modo uma viagem de cabotagem contornando o litoral da península de Lisboa, mais morosa demorada. Muitos outros povoados conhecidos nesta região, densamente povoada no decurso da segunda metade do 3.º milénio a.C., situados a meio-caminho entre os sítios do litoral atlântico e o estuário do Tejo, como o Penedo do Lexim, poderiam também beneficiar destas redes de distribuição dos anfibolitos e de outras matérias-primas oriundas de além-Tejo, como o cobre, já sob a forma de lingotes. A função da

Moita da Ladra seria pois a de controlar a entrada, a partir do Alentejo, de produtos e matérias-primas, especialmente o cobre e os anfíbolitos, que depois seriam redistribuídos pelos povoados de toda a região, facilitando pela sua posição, e aproveitando as linhas de água, a ligação ao litoral atlântico, podendo relacionar-se com a localização do povoado do Zambujal, implantado na outra extremidade deste caminho. A necessidade do controlo desta via de circulação explica a importância das pontas de seta no conjunto dos utensílios de pedra lascada, e, inversamente a escassez das lâminas foliáceas, relacionadas com a produção cerealífera, tratando-se de uma população essencialmente voltada para a intermediação comercial a nível regional, através do controlo das vias de circulação; não obstante, as produções domésticas estão representadas pela transformação dos produtos lácteos (cinchos) e da tecelagem, a par da metalurgia, destinadas a dar resposta às necessidades locais dos seus habitantes.

Enfim, o Outeiro Redondo, de dimensões comparáveis às de Moita da Ladra (ca. 0,5 ha), e fortificado, como este, apenas em etapa avançada do Calcolítico Pleno/Final, destaca-se por assinalável actividade metalúrgica, revelada pelo elevado número de cadinhos identificados, a par de algaravizes de forja. Entre os utensílios metálicos, assumem particular importância as serras/serrotes, que se podem relacionar com a actividade marítima, incluindo a construção naval, a que acresce a importância da tecelagem, a qual poderia estar relacionada também, de algum modo, com aquela actividade. A importância da metalurgia e da tecelagem contrasta com a baixa transformação de produtos lácteos (escassez de cinchos), ainda que, no respeitante às práticas agrícolas e cinegéticas os elementos recolhidos indiquem situação intermédia entre a observada em Leceia e Moita da Ladra, confirmando uma comunidade onde as actividades relacionadas com o amanho da terra tinham uma maior importância que na Moita da Ladra, mas menos de que em Leceia. Por outro lado, no Outeiro Redondo as práticas cinegéticas e de controlo do território afiguram-se menos relevantes do que na Moita da Ladra, mas mais importantes que as respeitantes a Leceia. Estar-se-ia assim perante um sítio de características mistas, revelando uma comunidade pouco fixada à terra, que detinha na caça uma componente importante da sua alimentação, e onde aquela detinha um papel económico muito significativo no seu quotidiano.

Com este estudo foi possível demonstrar o interesse de explorar informação baseada no registo arqueológico de natureza distinta, confrontando as características dos próprios sítios incluindo a natureza da sua implantação, enquadramento geográfico e extensão, com as características da utensilagem lítica e das produções cerâmicas recolhidas. Importa, pois, prosseguir este exercício ora iniciado. Só assim se conseguirá ter uma perspectiva fundamentada e credível da rica e diversificada realidade social, cultural e económica que caracterizou todo o 3.º milénio a.C. na Baixa Estremadura.

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, João L. (2000) – The fortified site of Leceia (Oeiras) in the context of the Chalcolithic in Portuguese Estremadura. *Oxford Journal of Archaeology*. 19: 1, pp. 37-55.

CARDOSO, João L. (2004) – Polished stone artefacts at the prehistoric settlement of Leceia (Oeiras). *Madridler Mitteilungen*. 45, pp. 1-32.

CARDOSO, João L. (2007) – As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 14, pp. 9-276.

CARDOSO, João L. (2010) – Povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): evolução arquitectónica do sistema defensivo e das técnicas construtivas correlativas. *Transformação e Mudança no centro e sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e. Colóquio Internacional (Cascais, 2005)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, pp. 43-63.

CARDOSO, João L. (2014a) – Absolute chronology of the Beaker phenomenon North of the Tagus estuary: demographic and social implications. *Trabajos de Prehistoria*. 71: 1, pp. 56-75 (doi: 10.3989/tp.2014.12124).

CARDOSO, João L. (2014b) – O povoado calcolítico fortificado da Moita da Ladra (Vila Franca de Xira, Lisboa): resultados das escavações efectuadas (2003-2006). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 21, pp. 217-294.

CARDOSO, João L. (2017) – O povoamento campaniforme em torno do estuário do Tejo: cronologia, economia e sociedade. In GONÇALVES, V. S. (ed.), *Sinos e taças junto ao Oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, pp. 126-141.



- CARDOSO, João L. (2019 a) – Los vasos campaniformes marítimos y su difusión desde el estuario del Tajo (Portugal). *Un brindis por el príncipe! El vaso campaniforme en el interior de la Península Ibérica (2500-2000 a.C.)*. DELIBES, G. & GUERRA, E. (ed. científicos), Madrid: Museo Arqueológico Regional de la Comunidad de Madrid, pp. 109-133.
- CARDOSO, João L. (2019 b) – Outeiro Redondo – Sesimbra – escavações 2005-2016. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 25, pp. 87-338.
- CARDOSO João L.; MARTINS, Filipe (2013) – O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): estudo dos utensílios de pedra lascada. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 20, pp. 357-524.
- CARDOSO, João L. ; SOARES, António M.; MARTINS, J. M. M. (2013) – O povoado campaniforme fortificado da Moita da Ladra (Vila Franca de Xira, Lisboa) e a sua cronologia absoluta. *O Arqueólogo Português*. Série V, 3, pp. 213-254.
- CARDOSO, João L.; SOARES, António M.; MARTINS, J. M. M. (2010/2011) – Fases de ocupação e cronologia absoluta da fortificação calcolítica do Outeiro Redondo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 18, pp. 553-578.
- CARDOSO, João L.; BOTTAINI, C.; MIRÃO, J.; SILVA, R. J.; BORDALO, R. (2020) – O espólio metálico do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Inventariação e estudo analítico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 26, pp. 41-66.
- CLEMENTE, I.; MAZZUCCO, N.; SOARES, Joaquina (2014) – Instrumentos para siega y procesado de plantas desde el Calcolítico al Bronce antiguo de Chibanes (Palmela, Portugal). *Trabajos de Prehistoria*. 71: 2, pp. 330-342.
- KUNST, Michael (1996) – As cerâmicas decoradas do Zambujal e o faseamento do Calcolítico da Estremadura Portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 6, pp. 257-287.
- KUNST, Michael; CARDOSO, João L.; WATERMAN, Ana J. (2014) – Human bones from Chalcolithic walled enclosures of Portuguese Estremadura: the examples of Zambujal and Leceia. In VALERA, A. C., ed., *Recent prehistoric enclosures and funerary practices in Europe*. BAR International Series 2676, pp. 83-98.
- SOUSA, Ana C. (2021) – *O Penedo do Lexim (Maфра) no Neolítico Final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural.

